



5738 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

O OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O MAPEAMENTO DOS SUJEITOS EJA NO TERRITÓRIO DO SISAL
Paulo José Pereira dos Santos - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB

O OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O MAPEAMENTO DOS SUJEITOS EJA NO TERRITÓRIO DO SISAL

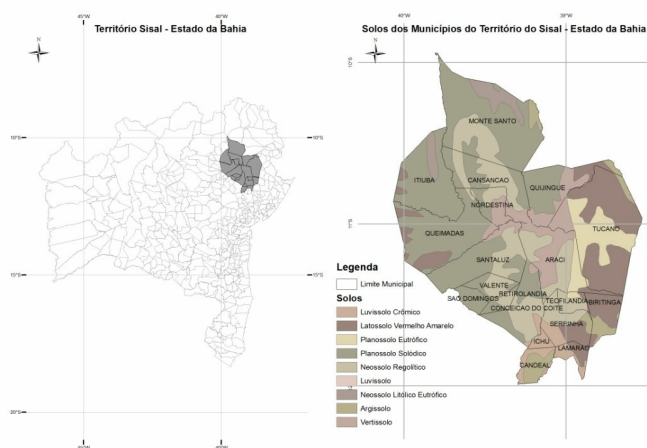
O presente trabalho visa apresentar a pesquisa em andamento sobre a identidade dos sujeitos da EJA no município de Valente -BA, a partir do contexto territorial da EJA construído embasado teoricamente em Freire (1982 e 1996) e Nunes (2015) e mais especificamente pelos estudos realizados pelo Observatório de Educação de Jovens e Adultos do território de Identidade do Sisal - OBEJA/ TIS, principalmente no que diz respeito ao perfil dos estudantes da EJA.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos. Identidade. OBEJA. Território do Sisal.

O Território de Identidade do Sisal e os Sujeitos da EJA

O Território de Identidade do Sisal (TIS), está Localizado na região semiárida do Estado da Bahia, a cerca de aproximadamente a 200 km da capital. O acesso ao território partindo de Salvador ocorre pelas BR 324 e 116, a região é cortada pelas BA 416 e 405. Este Território compreende 20 municípios: Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Ichu, Lamarão, Retiroândia, Santaluz, São Domingos, Tucano, Araci, Candéal, Cansanção, Itiúba, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Serrinha, Teofilândia e Valente.

Figura 1: Mapa do Território de Identidade do Sisal



Fonte: Embrapa, 2010.

A região abrange uma área de 21.256,50 Km² com população estimada em 588.956 habitantes. Seu IDH é de cerca 0,60, seu bioma principal é a caatinga. A principal atividade econômica é o plantio do sisal, seguida pela da agropecuária, indústria e mineração.

A ocupação do Território do Sisal teve início em meados do século XVI, para a prática da pecuária extensiva, que adentrou até a região do São Francisco no século XIII. Na década de 1930, foi implantada a cultura do sisal, que conseguiu conviver com o clima seco e poucas chuvas, assim, teve início a transformação econômica e social do território, permitindo o convívio do sertanejo nesta região do semiárido. Sobre a importância do sisal para o semiárido Santos (2010, p. 51) diz:

[...] A partir da década de 1930 o plantio do sisal começa a imprimir uma nova marca no espaço rural, e esse espaço se diferencia, do ponto de vista econômico, pela monocultura do agave. É a cadeia produtiva do sisal que forja o processo contraditório e desigual de modernização e permanência de antigas estruturas, construindo também a identidade e a idéia de pertencimento à Região Sisaleira da Bahia.

Em 1942, houve um investimento para o plantio de 12 milhões de mudas da planta. A cultura do sisal tornou-se a principal atividade econômica da região, tendo destaque na economia Baiana no período de 1938-1969, porém a definição de Território do Sisal, ou Território de Identidade do Sisal, foi adotado devido a práticas voltadas para políticas públicas de desenvolvimento do território dos governos da Bahia e Federal, mais precisamente em forma de regionalização, dentro do estado da Bahia, no ano 2007, no governo do então governador Jacques Wagner (2007-2010). Segundo Santos e SILVA: (p. 2)

O plantio da agave sisalana, e seu aproveitamento econômico, foram capazes de constituir uma cadeia produtiva de sisal para exportação. Cadeia esta que teve também ampla influência na política e na área social com impacto suficiente para diferenciar, especialmente, uma ampla porção do semiárido baiano, a qual ficou conhecida como Região Sisaleira da Bahia. Entre os 27 municípios da Região Sisaleira destacam-se: Campo Formoso, por possuir a maior área plantada de sisal; Valente, em função das bateadeiras e da fábrica de tapetes e carpetes; Conceição do Coité, em função das indústrias de fios e comércio diversificado; e Serrinha, por sediar os órgãos públicos de caráter regional, pelo comércio e por ser um centro de ligação dos demais municípios com Feira de Santana (cidade pólo regional) e Salvador (capital do Estado da Bahia).

Esta denominação foi justa, uma vez que a atividade sisalera ainda é a principal em boa parte dos municípios que a compõem a região.

Para termos um panorama sobre os aspectos da Educação de Jovens e adultos no território de identidade do sisal, trona-se necessário analisar os parâmetros das pesquisas realizadas pelo Observatório de Educação de Jovens e Adultos - OBEJA^[1], os dados do IBGE, Datapédia, PNUD, IPEA, FJP, MEC/INEP, além de dados das Secretarias Municipais de algumas cidades.

As pesquisas do OBEJA permitiram realizar um mapeamento da EJA em seis municípios da região: Araci, Conceição do Coité, Santa Luz, São Domingos, Serrinha e Valente. Que juntas abrigam um contingente populacional da ordem de 282.489 (Duzentos e oitenta e dois mil, quatrocentos e oitenta e nove pessoas). Como podemos observar por município na tabela abaixo

Tabela 1 - Populacional e territorial IBGE.

	Araci	Conceição do Coité	Santaluz	São Domingos	Serrinha	Valente	Total
Habitantes	56.370	68.146	36.915	9.877	83.275	27.906	282.489
Área total KM	1.556,10	1.016,00	1.559,70	326,9	658,9	384,3	4.268,81

Fonte: IBGE, 2010.

No referido projeto foram realizadas pesquisa de campo, visitando nos seis municípios supracitados, onde foram aplicados 695 questionários em 40 escolas, sendo 25 escolas rurais e 15 escolas urbanas. Entrevistamos 577 estudantes, 65 professores, 46 gestores e 7 coordenadores.

Tabela 2 - Distribuição de questionários aplicados por municípios

Município	Números de questionários aplicados		
	Discentes	Docentes	Gestores
Araci	150	13	12
Conceição do Coité	78	11	07
Santaluz	70	06	04
São Domingos	09	03	01
Serrinha	234	28	19
Valente	33	04	03
Total	577	65	46

Fonte: OBEJA, 2013

Também foram realizadas entrevistas, grupo focal e caravanas de escuta, sendo constatado, de acordo aos relatos dos nativos, que a população ainda vê na educação uma forma de transformação social, e mesmo quando acontece à evasão, por diversos motivos, os estudantes na maioria das vezes, retornam à escola no ano seguinte.

As taxas de analfabetismo na Bahia e no Território são altas, já nos municípios que compuserem a investigação do OBEJA tem números que chegam a 22,97% de média. Sendo que no município de Araci os índices ultrapassam 32%, maior que o triplo da nacional, e quase o dobro da média estadual e da cidade de Serrinha, que tem dentre os mesmos a menor taxa, com 16,50% como é possível observar na tabela abaixo.

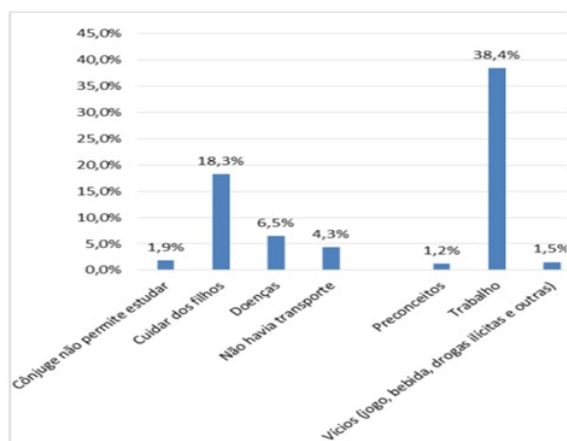
Tabela 3: Taxa de analfabetismo e abandono precoce

	Araci	Conceição do Coité	Santaluz	São Domingos	Serrinha	Valente
Taxa de analfabetismo pessoas de 15 ou mais	32,10	19,20	23,60	21,50	16,50	17,10
Taxa de abandono pessoas de 15 ou mais	51,50%	40,50%	42,70%	35,30%	40,80%	42,40%

Fonte: IBGE, 2015

Já no que diz respeito ao abandono precoce (com idade entre 18 e 24 anos) a média dos municípios chega a 42,40%, sendo que o município de Araci apresenta maior percentual 51,50% e São Domingos 35,30% das pessoas abandonaram os estudos precocemente.

Figura 2: Motivos que fizeram os estudantes da EJA abandonarem a escola:

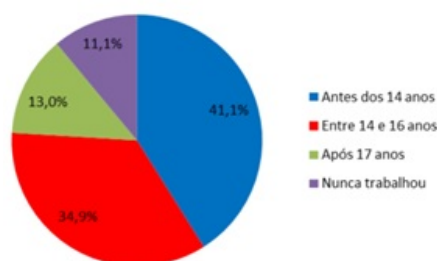


Fonte: OBEJA, 2015.

A evasão, por exemplo, é uma dos grandes problemas enfrentados pela EJA, é uma dificuldade que preocupa todos os componentes da escola, uma situação que acontece por vários determinantes, sendo um desafio superá-lo. Muitos estudantes da EJA necessitam trabalhar sustentar-se ou auxiliar nas despesas de casa, assim ao questionar se os alunos possuíam atividade remunerada de trabalho, 64% dos estudantes disseram trabalhar e tentar conciliam os estudos, em turno oposto, nos municípios pesquisados.

Em relação a faixa etária que indica o início do trabalho remunerados aponta que 41% ingressou no trabalho aos 14 anos; 89% começaram a trabalhar antes dos 18 anos. Como pode ser observado na figura 3:

Figura 3: Faixa etária em que os estudantes da EJA começaram a trabalhar



Fonte: OBEJA, 2015

Historicamente à medida que os estudantes vão crescendo e ficando mais velhos a taxa de matrícula vai caindo drasticamente nas escolas brasileiras, que caracteriza um aumento no abandono dos estudos como aponta Freitag (1980, p. 61):

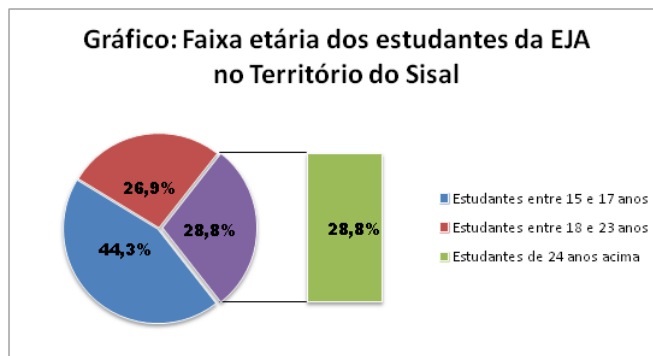
Dos 1000 alunos iniciais de 1960, somente 56 conseguiram alcançar o primeiro ano universitário em 1973. Isso significa taxas de evasão 44% no ano primário, 22% no segundo, 17% no terceiro. A elas se associam taxas de reprovação que entre 1967 e 1971 oscilavam em torno de 63,5%

Dados mais recentes divulgados por Lahóz (2000, p. 177) mostram que de cada 100 crianças que iniciaram os estudos em 1997, só 66 chegarão à oitava série, ou seja, apenas 34% não conseguem concluir fundamental II sem repetir de ano. A gravidez na adolescência é uma dos fatores que contribuem para a repetência, evasão e o abandono dos estudos das mulheres.

As causas da evasão segundo Gadotti (2000, p.18) podem ser sociais, políticas, culturais e pedagógicas. O ato de conhecer e refletir sobre essa realidade deverá possibilitar ao professor um posicionamento crítico sobre a sua prática e neste aspecto Freire (1982, p. 86), destaca como desafio o fato de reconhecer e de assumir em face dele uma atitude crítica e não ingênua. Arroyo (2005, p. 224). “[...] quando se refere à jovens e adultos, nomeia-os não como aprendizes de uma etapa de ensino, mas como educandos, ou seja, como sujeitos culturais e sociais, jovens e adultos.”

De acordo com os dados divulgados pelo OBEJA 53,4% dos alunos da EJA no território residem na zona urbana e 46,3% na zona rural; 71% dos estudantes tinham entre 15 e 23 anos e apenas 28,8 % era composta por estudantes na idade adulta, que nos leva a questionar por que existe um percentual tão baixo de adultos e porque estes adultos não conseguem permanecer e dar continuidade a sua trajetória escolar.

Figura 4: Faixa Etária dos Estudantes da EJA



Fonte OBEJA/2015

De acordo com os gráficos e dados supracitados é possível perceber que vem ocorrendo a juvenilização da EJA, pois 44% dos estudantes possui menos de 18 anos, o que pode configurar num fracasso da oferta do Ensino Fundamental seriado, o que leva a questionar onde estão os adultos da EJA?

Em relação ao item cor ou raça 76,7% dos estudantes se declaram pardos ou negros. Que mostra que na EJA a predominância de grande contingente populacional de origem afro-brasileira.

Todo esse cenário tem mostrado dificuldades de acesso e permanência dos estudantes da EJA no Território do Sisal, já que muitos deles nem estudam e nem trabalha e estão em situação de risco a vulnerabilidade social e a pobreza, estão as margens da sociedade, e em processo de exclusão social.

Historicamente no Brasil a medida que os estudantes vão crescendo e ficando mais velhos a taxa de matrícula vai caindo drasticamente nas escolas brasileiras, que caracteriza um aumento no abandono dos estudos como aponta Freitag (1980, p. 61)

"Dos 1000 alunos iniciais de 1960, somente 56 conseguiram alcançar o primeiro ano universitário em 1973. Isso significa taxas de evasão 44% no ano primário, 22% no segundo, 17% no terceiro. A elas se associam taxas de reprovação que entre 1967 e 1971 oscilavam em torno de 63,5%".

Dados mais recentes divulgados por Lahóz (2000, p. 177) afirma que de cada 100 crianças que iniciaram os estudos em 1997, só 66 chegarão à oitava série. Já no município de Valente, as matrículas iniciais na educação infantil abarcavam 96,75% das crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos. Quando analisado estudantes com idade entre 15 e 17 anos verificamos que 50,79% deste contingente populacional concluíram o ensino fundamental, já entre a população de 18 a 20 anos apenas 38,25% possuem ensino médio completo, assim a grande maioria 61,75% da população valentense com idade até 20 anos não conseguiram concluir o ensino médio na faixa etária, tida pelos especialistas em educação, como faixa etária adequada.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In SOARES, José Leônicio Gomes; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.19-50.

FONSECA, Maria Conceição F.R. Educação Matemática de Jovens e Adultos. 2ª ed. Belo Horizonte: Autentico, 2005.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P.. Pedagogia da Autonomia. Paz e terra, 1996.

FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. 4ª ed., São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra. São Paulo: Fundação Petrópolis, 2000.

LAHOZ, André Casa. Na Nova Economia a educação é um insumo cada vez mais importante. Com investimentos, políticas consistentes e continuidade, o Brasil melhora suas chances de prosperar. In: Revista Exame. Ano 34, nº 75, abril 2000, p. 173-180.

NUNES, Eduardo. Et al. Relatório 01 do Observatório de Educação de Jovens e Adultos do Território de Identidade de Sisal (OBEJA). Salvador: UNEB, 2015.

[1] Observatório de Educação de Jovens e Adultos no Território de Identidade do Sisal coordenado pelo grupo TSPPP\PPGeduC-UNEB, é um projeto de pesquisa financiado pela Capes, que tem como perspectiva realizar estudos e proposições sobre a organização e a oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos sistemas de ensinos de seis municípios do Território de Identidade do Sisal na Bahia (Conceição do Coité, Serrinha, Santa Luz, Araci, São Domingos e Valente); e criar sistema de informações e de monitoramento da Gestão Social de Políticas Educacionais na EJA nas Redes de Ensino Estadual e Municipal dos municípios.